

O Grupo Kafkiano ou Kafka em Grupo?

Autora:

Ana Rita Sousa Lobo

Psicóloga Clínica

Membro Candidato à SPGPAG

Resumo:

Kafka fez profundas reflexões críticas sobre a natureza do poder nos sistemas sociais e nas relações familiares. As suas personagens encarnam a impotência e a solidão, questionando seriamente a existência, não sabendo que rumo tomar diante de situações sem saída, que não planejaram. Através de uma escrita onírica, seguindo uma *"lógica dos sonhos"*, que evidencia o inconsciente, revela como o abuso do poder acentua os medos, as angústias perante o mundo e a solidão interior. Através da obra e do autor citados pretende-se fazer, numa perspetiva grupanalítica, uma reflexão acerca de como poderia o grupo de análise lidar com os movimentos persecutórios e onipotentes e a competitividade destrutiva das relações de objeto internalizadas (o poder no Grupo ou o Grupo kafkiano) e conter e elaborar as angústias existenciais e culpa persecutória, permitindo a transformação destes movimentos em experiência humana, capacidades e criatividade (O poder do grupo ou Kafka em grupo).

Palavras-chave: Grupanalise, Culpa, Kafka, Matriz, Poder, Silêncio, Vergonha

The Kafkaesque Group or Kafka in the Group?

Abstract:

Kafka made deep critical reflections about the nature of power in social systems and family relationships. His characters embody impotence and loneliness, seriously questioning their existence, not knowing what direction to take and feeling hopeless, before unplanned situations. Through a dreamlike writing, following a *"logic of dreams"*, which highlights the unconscious, he reveals how the abuse of power accentuates the fears, anxieties and inner loneliness. Through his work, and in a group analytic perspective, we intend to do a reflection on how group analysis could deal with persecutory movements, omnipotent and destructive competitiveness of internalized object relations (power in the Group or Kafkaesque group), contain the existential anxieties and persecutory guilt, allowing the transformation of these movements in human experience, skills and creativity (power of the group or Kafka in the group).

Key-Words: Group Analysis, Guilt, Kafka, Matrix, Power, Silence, Shame

I - Kafka: o Homem, a Obra, o Indivíduo e o Grupo

Freud, no “*Prefácio à juventude desorientada de Aichhorn*” (1925) e em “*Análise Terminável e Interminável*” (1937) considerava analisar, assim como educar e governar, uma tarefa impossível. No entanto, ousamos todos os dias tentar o impossível. Não só como analistas, quando analisamos, como pais quando educamos ou como cidadãos quando votamos em quem pretende governar. Sabemos que por vezes ficamos desencantados e frustrados, mas nem por isso deixamos de o fazer. Analisar Kafka seria com certeza uma tarefa quase impossível, pelos profundos distúrbios e fragilidade da sua estrutura psíquica. No entanto, e na verdade, nada nos impede de refletir e imaginar como seria ter Kafka em Grupanálise, para que, conscientes das limitações, mas também das potencialidades, da teoria e técnica grupanalítica, tentemos aprofundar e expandir o próprio conhecimento grupanalítico.

Optou-se pela obra Kafkiana pois a expressão da fragilidade, inquietude e angústias humanas sem a mediação da razão (ego), possibilita a escuta da voz do inconsciente, sem no entanto perder uma particular lucidez. Este fenómeno, que identificamos como próximo ao estilo literário *fluxo da consciência*, presente na escrita de vários clássicos como *Dostoievski*, *James Joyce* e *Virginia Wolf*, é uma técnica que mostra o ponto de vista de um personagem através do exame profundo de seus processos mentais, sem a uma fronteira clara entre consciente e inconsciente. Assim é possível, ao leitor de Kafka, acompanhar os pensamentos, e as mudanças internas dos personagens, como se entrasse num pesadelo em direção ao vazio, ao grotesco ou ao absurdo, inerentes a um processo *de adoecimento e morte, como libertação do sofrimento*. Talvez por isso, e de um modo geral, as pessoas sintam que é um autor difícil de ler.

A história da vida de Kafka ¹ revela que a sua educação foi muito marcada pela ausência da mãe, que ajudou a administrar os negócios do marido, chegando a trabalhar 12 horas por dia, e pelo caráter autoritário e arrogante do pai, que ampliava a necessidade de esforço para superar todas as dificuldades da vida. Kafka licenciou-se em Direito tendo trabalhado durante parte da sua vida numa seguradora. A sua experiência profissional aumentou muito a sua sensibilidade social, por testemunhar os acidentes que os trabalhadores sofriam, por medidas de segurança inadequadas. O seu papel como funcionário era valorizado e tinha um exemplar sentido de dever. O seu pessimismo cético devia-se, também, à sua experiência com a burocracia, onde longos, deprimentes e obscuros corredores faziam-no sentir esmagado, assim como as injustiças, lentidão e rotina diária.

¹ Fontes: Citati, *Kafka: Viagem às profundezas de uma alma; documentário sobre a sua vida em* <http://www.youtube.com/watch?v=iKxdIntXUCg>

Dizia ter sido mais prejudicado pela sua educação do que a maioria dos que conhecia, e de uma forma que não tinha alcance para entender. A sua relação de dependência mutilante e profundamente perturbada com o seu pai, conforme se pode ler em “*Carta ao Pai*” (1919), levava-o a lamentar ter nascido. Dizia que *cedo lhe tinham interditado a palavra*. Em 20 anos não deveria ter dito mais do que 20 palavras à mãe e pronunciado raras saudações ao pai. Nunca falava com as irmãs e com os cunhados. Por outro lado, a sua escrita era uma forma de não-silêncio, um estar fora do alcance do pai, que não se interessava pela literatura. Pelo contrário, teve em Max Brod um amigo duradouro e especialmente interessado na sua escrita.

Os seus casos amorosos ficaram sempre mal resolvidos, ou por intervenção dos pais das raparigas, ou por desinteresse de Kafka. Apesar disso, manteve durante 5 anos um relacionamento com Felice Bauer, que conhecera em casa de Max Brod. Pedia a Felice Bauer que o segurasse, o salvasse, dizendo-lhe ao mesmo tempo que com ele nunca iria experimentar uma alegria pura e sim o mais puro sofrimento. Expressava que não poderia viver sem ela, nem com ela. Felice acabou por ficar com medo da sua escrita raivosa e do seu desespero, percebendo que iria ter uma vida difícil com ele. Apesar de tudo Kafka acreditava no casamento e na família, dizendo que era o máximo que um ser humano poderia alcançar. Nunca conseguiu levar o casamento para a frente, tendo rompido o noivado. Mais tarde apaixonou-se por Milena, escritora de personalidade forte. A sua felicidade apaixonada terminou também de modo trágico, sem o desenlace esperado. Max Brod dizia que Kafka tinha medo do amor, como se este significasse uma condenação ou destruição. Para ele era impossível haver refúgio ou proteção. Solitário, com a vida afetiva marcada por irresoluções e frustrações, atingiu pouca fama, em vida, com seus livros. Mesmo assim era respeitado nos círculos de literatura que frequentava. Morreu aos 41 anos (1883/1924), num sanatório em Kierling, perto de Viena, tendo a maioria da sua obra sido editada postumamente.

Sendo a literatura um instrumento capaz de nos ajudar a compreender o funcionamento psíquico, atrevemo-nos, então, a fazer uso da obra literária deste autor, para tentar compreender uma patologia do *narcisismo* e *do vazio*, à beira da psicose, associadas às vivências de desamparo e rejeição ativa das relações, tendo em conta a dinâmica do poder do indivíduo e do grupo. Esta dimensão de sofrimento limite, que resulta da impossibilidade de ligação com todos os Outros (todo o “grupo humano”), fez emergir quatro hipóteses que analisamos: A importância vital do *vínculo do Reconhecimento* (Zimerman, 1995); uma *Matriz Relacional Interna* (Leal, R., 1997) de *Incomunicabilidade*; um *Paradoxo da culpa – entre a Defesa moral* (Fairbairn, 1943) e a *Violência latente* (análogo ao conceito de *assassinato do objeto psicanalítico, imprescindível e imperecível* de Azevedo e Silva (2012); e o *Esconderijo Narcísico pela Vergonha insuportável* (oriunda da vivência de desprezo).

Os grupos *kafkianos*

A obra de Kafka abre-nos uma via privilegiada para compreender como o abuso do poder se articula com a destruição do sentimento de humanidade, da subjetividade e as relações. Através da sua personagem K, Kafka tanto n' "O Castelo" como n' "O Processo", faz uma desconstrução e um prognóstico de como forças sociais, com um funcionamento primitivo profundamente repressivo, onnipotente, que desprezam o individuo na sua humanidade e bloqueiam a comunicação promovem graves falhas nas identificações, geram indivíduos mecanizados e indiferenciados, sem possibilidade de se desenvolverem como pessoas, com um futuro conturbado, incerto, marcado pelo desamparo e desespero.

N' "O Castelo" K procura um abrigo numa aldeia, acabando sempre por não poder permanecer em nenhum lugar, pois, em última instância, tudo é propriedade de um Conde incógnito, que habita num Castelo inalcançável. K debate-se por *um lugar no enredo*, mas as inquirições e olhar reprovador dos "outros" (como grupo "pano de fundo" ou "cenário") impedem a hospedagem de K (acolhimento e amor), deixando-o sempre entregue à sua sorte. N' "O Processo" K, ao ver-se envolto num nebuloso processo de crime, perscruta-se internamente de forma maciça, projetando angústia persecutória de culpa no confronto com um Estado Burocrático, que mais não faz do que o procurar para impor as suas regras e condições, sem qualquer possibilidade de diálogo, compreensão e proteção (recusa da intersubjetividade). O poder e os fins obscuros de grupos "cenário" (omnipresentes mas nebulosos), esmagadores para K, conduzem-no, por fim, à sua perdição (absurdo/ loucura) ou entrega à morte, como tentativa paradoxal de afirmação de uma vontade limite de liberdade.

Esta dimensão de uma vontade omnipresente, todo-poderosa e obscura, na obra de Kafka, inscreveu-se no imaginário social e na cultura. O adjetivo Kafkiano passou a ser sinónimo de conjunturas de poder e controlo onnipotente por grupos sombrios, que recusam reconhecer, acolher ou abrigar indivíduos que se opõem a esse controlo, por causa da sua própria vontade individual, desencadeando vivências de impotência, angústias persecutórias, medo intenso e sentimentos niilistas nos mesmos. Reflete a perplexidade e incompreensão advinda do nascimento histórico do individualismo, no início do século XX, e de como este acontecimento agitou, e ainda agita, a sociedade. Neste sentido o adjetivo **Kafkiano** traduz, afinal, **a essência do conflito entre o individuo e grupo**, sendo um testemunho de como o impasse nesse conflito é profundamente nocivo. Os grupos "cenário" (falsos/encenados) kafkianos não são verdadeiros grupos, pois não há ligações libidinais (Freud, 1921) assim como os indivíduos kafkianos não estão verdadeiramente individualizados, pois funcionam a um nível narcísico (*falsos-selves*). Estes indivíduos indiferenciados associam-se apenas para amplificarem pequenos poderes (narcisismo individual) e capturarem privilégios que lhes permitam acederem a falsas diferenciações (falsas individuações/identidades), conferidas por um poder burocrata rígido e estratificado. Indivíduos que exibem a vontade de se

diferenciarem verdadeiramente, e desejam ser livres, são aniquilados pela imposição de um poder abusivo e destrutivo, caracterizado pela *negação da relação e da intersubjetividade* (*suspeitas, diabolização*) onde inquirições perturbadoras, promessas não cumpridas, ameaças veladas, informações incoerentes e inconclusivas, silêncios, intrigas e segredos proliferam aniquilando o desejo e o livre-arbítrio.

Observemos mais detalhadamente algumas características destes *falsos-grupos*:

- 1. Narcisismo exacerbado** em que um conjunto de indivíduos absortos consigo próprios, com um *falso-self* (Winnicott,1960), se servem do facto de serem um coletivo para ampliarem dos seus poderes, não havendo ligação libidinal (Freud, 1921). Os indivíduos estão atomizados e apenas se encontram agrupados por obediência cega a uma Lei absoluta. Encontram-se, assim, muito vulneráveis a fazerem ligações a líderes muito idealizados e onnipotentes, e em substituição às vinculações entre pares (fraternas). e investidos como os únicos capazes de lidar com tudo.
- 2. Repressão muito elevada** - repressão autoritária fundada na violência, associada a uma regulamentação de todos os aspetos da vida pública e privada, através de uma Lei absoluta inquestionável, que tudo controla, ordena e disciplina.
- 3. Uma Lei absoluta.** Esta forma de lei absoluta, impessoal, abstrata e ininteligível, aproxima-se do conceito de superego sádico primitivo de Klein (1928), repleto de fantasias agressivas e de culpabilidade. O superego primitivo sádico é um desenvolvimento patológico do superego, que não tendo sido modificado pela introdução do princípio da realidade e pela maturidade, mantém os aspetos extremos (terríveis e idealizados) dos objetos primários, que depois de expulsos, para uma área profunda do inconsciente, formam um superego anormalmente destrutivo. Bion (cit. Zimerman, 2001) considerou que formas anormais do superego funcionavam sob o domínio do pensamento psicótico, que se opunha onnipotentemente à ciência e às leis naturais, organizando-se numa "*moral sem moral*", criada para ser imposta aos outros. Este super-super ego, através de um conjunto de racionalizações excessivas, forma um obstáculo poderoso contra a consciencialização do caos psíquico e emocional (terror sem nome), onde prevalece o ódio a tudo que é diferente, a arrogância, a onisciência e a prepotência. Kernberg (1992) observa, por exemplo, que as ideologias totalitárias têm um fascínio paradoxal pela ordem completa e simultaneamente pelo caos absoluto. Neste sentido a imposição de uma Lei Absoluta surgiria como uma defesa onnipotente e maciça contra a subjetividade e as emoções, entendidas como caóticas e perigosas.

4. **Aniquilação da subjetividade.** Lacan (1963), num artigo em que aproxima Kant do Marques de Sade, postula que a imposição de uma lei universal, absoluta e abstrata conduz à aniquilação da subjetividade. Assim, tanto o Marques de Sade como Kant teriam na base um imperativo categórico a que era preciso obedecer expressamente (como um fundamentalismo). Neste sentido tanto a condição imoral Sadiana “*Cumprir o Gozo*” como a condição moral kantiana “*Cumprir a Lei*”, causariam a mesmo sofrimento psíquico pois ambas determinariam o abandono das inclinações subjetivas.

A aniquilação da subjetividade é uma negação profunda do mundo e objetos internos e traduz-se em problemas na construção da identidade. As perturbações mais graves podem ir de um nível mais primitivo, relativas à fase oral canibalesca (oral-agressiva), como protótipo das identificações (Freud, 1905), ao ponto das identificações serem equivalentes a incorporações (não havendo nem separação, nem mentalização, nem simbólico), às síndromes de identidade difusa (Kernberg, 2006), um problema central das personalidades-limite, ou à edificação de *falsos-selves* (Winnicott, 1960).

Fica aberto o caminho para um pseudopensamento único e o êxito dos ataques aos vínculos (aos grupos de identificação e de ligação afetiva do indivíduo: família, amigos, organizações culturais e religiosas), nomeadamente o êxito do ataque massivo ao vínculo do Reconhecimento (*R*) (Zimerman, 1995)

5. **Preocupação com o aumento da concentração do poder** para autoconservação do pseudogrupo, com mecanismos de bode expiatório e a hipertrofia do poder - onipotência a onisciência - em substituição da capacidade de pensar as experiências emocionais e da consciência de que existe um outro.
6. **Controlo restritivo da comunicação.** Aumento dos sentimentos de paranoia (desconfiança e perseguição) pois não havendo espaço interior para o conhecimento da realidade interna (do mesmo ou do outro) tem de haver uma defesa hipervigilante. Por exemplo, a propaganda, que sustenta regimes altamente repressivos e de manipulação de massas, desenvolve várias atitudes em relação à difusão da informação que visam o controlo e a adulteração da veracidade dos conteúdos, para manter a ordem a todo o custo.
7. **Domínio das emoções primitivas de medo e culpa** Isaura Neto e Francisco Vieira Dinis, num trabalho sobre “*O Mal, a Maldade, Violência e*

Terrorismo” (2010) observam que o funcionamento destes pseudogrupos tem por base a emoção de medo do «outro» («*otherness*»), onde alguém diferente é inimigo e com o qual só se pode lidar através da destruição ou extermínio (Elmendorf, 2004 cit. por Neto, I. & Dinis, F., 2010), resultando no fenómeno do *Bode expiatório*, onde a clivagem de objeto atua pela incompatibilidade de existirem outros, como fixação e controlo maciço das angústias flutuantes ligadas ao medo e à culpa.

- 8. Dependência absoluta** da onipotência do objeto que se interpreta como securizante e onde a confiança é cega, ou absoluta, para que consiga a ansiada segurança.

Falsos-grupos, com estas características, podem gerar uma *violência branca e silenciosa*, sem marcas e testemunhas (porque não há sujeito-subjetividade), fomentada pela aniquilação do mundo interno e desagregação dos laços sociais, conduzindo ao isolamento dos indivíduos excluídos (retirada narcísica), à degradação da sua saúde (mental e física) e suicídio ou, quando o dique repressivo falha, a uma *violência vermelha e ruidosa*, observada em movimentos antissociais com perigosas passagens ao ato em que, ou contrário, se visa a morte dos “*outros*”.

O grupo familiar *Kafkiano*

Além das vivências de exclusão da matriz social mais alargada (sociedade, estado, cultura) também as vivências de exclusão do grupo familiar aparecem na obra de Kafka, nomeadamente na “Carta ao Pai” O sentimento de ter sido compreendido, que era esperado ser vivido na família, também não é promovido na matriz familiar.

Pais não empáticos, fortemente impositivos e incoerentes nas regras que exigem ver cumpridas são descritos por Alice Miller (1980) como capazes de praticar uma Pedagogia Negra, quando simultaneamente tem *altas expectativas, exigência de obediência e ao mesmo tempo muita confusão em determinar as regras, proibição do diálogo e um sentimento de miséria emocional imprimida à criança* (“*nem sabes o sacrifício que fiz por ti...*”).

No entanto e como Isaura Neto (2001) observa “*as crianças preferem sentir-se más a reconhecerem a realidade aterradora dos maus tratos de que foram vítimas (...). Se a criança reconhecer a realidade que tanto sofrimento provocou, não há esperança; sendo má, pode transformar-se, obedecendo às regras, evitando o castigo*” e estas crianças, que sofrem a violência, tendem a aprofundar a crença de que *mereciam o castigo e que foram agredidas por amor*. Kernberg (1992) também

fala deste engodo, mas como perversidade, onde uma máscara de amor serve a agressividade.

Esta interação distorcida e abusiva, fundada apenas no exercício de poder, AUMENTA OS NIVEIS DE AGRESSIVIDADE, CULPABILIDADE E VERGONHA, afetando o desenvolvimento psicomotor e afetivo da criança e deixa feridas narcísicas muito profundas, graves inseguranças e carências, assim como aumenta a possibilidade de atitudes antissociais. O cumprimento das expectativas parentais narcisistas é sempre uma *no win situation* (*situação em que nunca se ganha*) que leva a estado psíquico enlouquecedor similar ao que Badaracco (1986) conceptualizou como objecto enlouquecedor.

Kafka em Grupanálise?

Como poderia aparecer Kafka? *Talvez à procura de muito mais do que ser compreendido. Talvez à procura de existir, de ser encontrado e olhado, “alimentado” e amparado. Com medo da intimidade. Não sabendo como fazer amigos, sentindo-se sozinho e isolado. Com vivências de vazio e de abandono, que poderia sentir de um modo limite ou existencial.* Desinvestindo as relações, fazendo processos ativos de abandono ou de desvinculação de todo e qualquer objeto. Resistindo à relação com o terapeuta, através de faltas e atrasos ou perante um movimento de ligação, revelando vivências profundamente ambivalentes de amor-ódio. Poderia estar cego consigo próprio, não interessado na realidade do outro, do que este lhe poderia oferecer. Possivelmente desenvolvendo respostas muito defensivas na transferência, com temor em lidar com as suas angústias primárias, podendo fazer passagens ao ato ou mesmo abandonar o processo terapêutico, deixando pouco espaço a qualquer hipótese de reparação.

“Como fazer render um mau negócio”

No artigo *“Como fazer render um mau negócio”* (1979) Bion postula que pode haver aprendizagem emocional à custa de experiências cruéis e penosas, e *diante da turbulência emocional o analista, em vez de fugir dela, deve aproveitá-la para promover o crescimento mental do seu paciente* (Zimerman, 2008). Então e como fazer render o *mau negócio de um grupo ter em seu seio Kafka e de Kafka estar em grupo?* Poderia o grupo recolher o melhor da *tempestade do encontro*, conter as fortes angústias e crescer? Poderia Kafka modificar a matriz relacional interna (MRI) de incomunicabilidade e estabelecer uma nova rede vincular interna, de comunicação e de relação?

Segundo Zimerman (2003) a Psicoterapia de Grupo e a Grupanálise apresentam possibilidades terapêuticas muito interessantes nos problemas do narcisismo uma vez que o Grupo, rede dinâmica de relação, de afetos e de níveis de comunicação, comporta uma **importante função continente**, que pode ajudar doentes bastante regressivos, nomeadamente as “*patologia do vazio, que muitas vezes não suportam as angústias de uma psicanálise individual*”.

O pendor relacional (Leal, R. 1997) da Grupanálise, permite ao paciente, no aqui e agora, numa *relação com pares*, com um grau de proteção e de amparo, desmistificar as equações simbólicas, inibidoras do pensar, da comunicação e da intimidade (Seagal, 1983 cit. Azevedo e Silva). O *espaço grupanalítico*, assegurado pela *introdução do padrão* (Cortesão, 1988) *na matriz* (Foulkes, 1964) potencia as características *continentes* (Zimerman, 2003) e de *função alfa* (Bion, 1962) do grupo, assim como o *espelhamento*, *ressonância*, *treino do ego em ação* (Foulkes, 1964) permitindo elaborar as angústias mais destrutivas e persecutórias da transferência. Cortesão (1992) realçava que elaborar o negativo, o ódio e a hostilidade não visava só a destruição do objeto, mas também a estruturação do objeto como *não-Eu*. Cortesão (2008) também considerava que a elaboração de uma *lacuna básica*, tendo em linha de conta o espaço, o vazio, a denegação aparente como espaço de ilusão, *poderia volver criativa*.

II - Ensaio: Kafka em grupo

Detivemo-nos neste ensaio, e numa perspetiva grupanalítica, em quatro vértices fundamentais:

1. A emergência do negativo do vínculo do Reconhecimento - R (Zimerman, 1995) que impossibilita responder à questão fundamental da identidade (Quem sou eu?) e a luta contra a dependência;
2. Uma Matriz Relacional Interna (Leal, 1997) fundada em experiências de não-comunicação (hipercriticismo, negação do diálogo, castigo pelo silêncio) como ataque à relação e à (inter)subjetividade.
3. Um paradoxo da culpa – entre a defesa moral (Fairbairn, 1943) e a violência latente – na linha do conceito *do assassinato do objeto psicanalítico, imprescindível e imperecível* (Azevedo e Silva, 2012)
4. O esconderijo narcísico pela vergonha (resultado do desprezo vivenciado) e a sua análise num contexto grupanalítico

1. A emergência do negativo do vínculo do (R)econhecimento (Zimmerman, 1995) e a luta contra a dependência

Em “*O Artista da Fome*” (1924) Kafka defende as virtudes da greve da fome (ou as virtudes de uma anorexia) como nobre luta contra a dependência e recusa das identificações. Quando como “artista da fome” diz que não o podem ajudar e a personagem do superintendente pergunta “*porquê?*”, este responde: “*porque não conseguiria encontrar a comida que gostava*”. A mais primitiva das necessidades básicas humanas, a dependência de alimento / amor, transforma-se, então, num poder destrutivo, porque gravemente insatisfeita, rejeitando qualquer dependência, numa luta afinçada contra as incorporações (não se alimenta) e introjeções (anorexia mental). Kafka, como “*O artista da fome*” lutava, no fundo, contra a enorme carência de reconhecimento e de aprovação.

David Zimmerman (1995) através da conceptualização do vínculo do reconhecimento (R), ligado às etapas narcisistas da organização da personalidade, alude para a *necessidade crucial de todo ser humano sentir-se reconhecido e valorizado pelos outros, e ao mesmo tempo preservar a sua existência como individualidade e identidade própria*. A perturbação nesta vinculação implica que o sentimento de pertença e as identificações sejam gravemente afetadas, conduzindo a uma patologia do vínculo R (-R) e ausência de resposta à pergunta: quem sou eu? *Esta perturbação do vínculo põe a descoberto um temor enorme em ser esquecido, abandonado e desprezado e uma enorme necessidade de receber provisões de que se é reconhecido, desejado e valorizado, para debelar a angústia existencial de aniquilação*. Como Brod (cit. Citati, 2001) escreveu, Kafka: “*mesmo quando foi envelhecendo, ainda desejava acima de tudo a aprovação de seu pai, que nunca alcançaria*.” Kafka nunca poderia ser satisfeito com “qualquer” comida. Este procurava o “alimento certo” para alimentar uma enorme “*fome de reconhecimento*”.

Segundo Zimmerman (2003) surge muito claramente no campo da Grupanalise o vínculo do reconhecimento, sendo possível proporcionar na análise de grupo a aceitação, o respeito, a valorização, o ser desejado e amado. Pacientes narcisistas e onde a ausência de reconhecimento e identificação predominam, exigem *novas inscrições*, novos significados a partir da relação, sendo por isso preciso dar *figurabilidade* àquilo que nunca foi constituído no psiquismo (Botella, 2001), de modo a não se repetir a experiência de vazio. O grupo funciona como uma caixa-de-ressonância empática (César, 2002) que ampara, protege e mitiga a sensação de desamparo, ou de “*sem abrigo*”, possibilitando a mudança (R)econhecida e testemunhada pelos elementos do grupo (“*os outros*”). O grupo pode oferecer-se como um “*campo de treino*” contendor, para os ensaios de uma nova história, realizada no aqui e agora, e na relação vivida com os outros.

No entanto o analista teria de ter muito cuidado na “*tarefa delicada de reconhecer e preencher as eventuais falhas que, desde a infância, o paciente teve, na sua ânsia de ser acolhido, contido, compreendido, e de ser reconhecido nas suas manifestações de ilusão onipotente, de amor e de agressividade*”, estando muito atento a esta procura do “alimento certo” (R), nomeadamente através de um cuidado redobrado na atividade interpretativa.

Uma nota final para o fenómeno das ausências / presentes (-R) como recusa em ser alimentado pelo grupo, pelo analista e pelo próprio processo analítico (*anorexia analítica*), que denotam movimentos contratransferenciais -R, ou seja, o falar de quem está ausente, para que este permaneça e ocupe a mente dos elementos do grupo e do analista e seja reconhecido por não-estar e não-ser.

2. Aspectos da comunicação e as matrizes (Matriz do grupo e Matriz Relacional Interna) - a Matriz Relacional Interna de Incomunicabilidade

No grupo de análise através do intercambio existente entres os elementos do grupo e grupanalista e tal como Rita Leal (1997) refere “*redescobre-se a rede global de laços com figuras primárias de relação, ou seja a matriz de grupo interno em que necessariamente cada um se encontra imerso.*” Contudo quando a comunicação, lugar da intersubjetividade, é interdita, não havendo um alimentar pela resposta e pela ressonância do ciclo da comunicação (Leal, 1997), poder-se-á engendrar uma matriz relacional interna (Leal cit. por Ferreira, 1992) de incomunicabilidade (impedimento em tornar *comum*), maioritariamente dominada por silêncios inquietantes, pelo absurdo e pelo sem sentido das comunicações. Desta forma o ficar de fora, a confusão dos diálogos, o desmentido podem remeter para uma matriz relacional interna *emaranhada, caótica, obscura, “cheia de buracos”*.

Neste sentido é importante o grupanalista estar atento ao modo como a palavra está a ser usada, pois pacientes narcisistas podem usar as palavras para não comunicar, pela tendência à intelectualização (Zimmerman, 1999). A linguagem não-verbal ganha aqui bastante importância pois a “fala” pelo corpo, quando percebida empaticamente pelo terapeuta, descodificada e nomeada no momento oportuno, passa a adquirir significados, abrindo uma via de comunicação mais clara, permitindo a aproximação e a *intimidade*.

Rita Leal (1997) ao clarificar como se promove o desenvolvimento das relações de objeto na sua faceta comunicacional – ou como o múltiplo espelhamento na relação do grupo contribui para a diferenciação do *self* - demonstra como o grupo de análise faz evoluir a comunicação no sentido estruturante da rede vincular, emocional e do *self*, permitindo passar de uma comunicação monopolista (mais destrutiva), passando por uma comunicação vai e vem (princípio do jogo, constância do objeto, separação-indivuação) até à comunicação em rede. No entanto, uma vez que esta experiência em rede e relacional é nova, e bastante diferente da experiência inicial

de incomunicabilidade e de não-relação, é importante que o grupanalista tenha cuidado especial na sua intervenção e nas interpretações, e esteja atento às comunicações e interações do grupo, especialmente no que diz respeito ao *timing*, uma vez que as experiências de empatia e de comunicação partilhada poderão ser um *misto de assombro e medo* para o paciente.

3. O paradoxo da culpa: entre a defesa moral e o assassinato do objeto psicanalítico, imprescindível e imperecível

A obra Kafkiana detém uma vivência paradoxal de *culpa não reparável*, que transmite ao longo da obra um constante sentimento de intranquilidade. Esta culpa irreparável traduz a incompatibilidade entre manter o bom objecto interno, imprescindível para a sobrevivência, e o desejo violento de assassinato do mesmo, pela consciência da sua maldade. É este sentimento que o leva a percorrer, na obra, os caminhos da *animalidade (irracionalidade)* e da *humanidade (racionalidade)* em busca de um apaziguamento para a culpa, que nunca alcança.

São tentadas duas defesas opostas, de forma da poder lidar com este paradoxo angustiante e em busca do conforto e tranquilidade internos: a irracionalidade, ou expansão quase animalesca das emoções, e a racionalidade extrema e obsessiva. Como exemplo da primeira forma defensiva temos obras como “A *Metamorfose*” (1915) ou “*Investigações de um cão*” (1922) onde a *animalidade e a irracionalidade (um escaravelho que falta ao trabalho e cães que tocam e se entregam à música expondo o seus genitais sem pudor)* procuram a libertação da pesada Lei humana, uma vez que é esta que desvenda o mal e a culpa. Para Kafka eram as questões e investigações racionais humanas é que *tornavam sujos e selvagens os animais* pois retiram-lhes a inocência e traziam-lhes o tormento da culpa. A defesa contrária surge n’ “O *Castelo*” e n’ “O *Processo*”, onde acima de tudo a Lei e ordem racional devem ser respeitadas ao limite da desumanização, para não haver acusação, ou pelo contrário havendo culpa ela deveria ser expiada.

Sem resolução possível para este paradoxo, a paz psicológica (curiosamente, *Friede*, nome da namorada de K n’*Castelo*, significa *Paz* em alemão) só pode acontecer pela morte física ou psíquica (perda do self numa espécie de loucura narcísica). Assim n’ “A *Metamorfose*” o n’ “O *Processo*” as personagens principais morrem, e n’ “O *Castelo*” e “*Investigação de um Cão*” a narrativa é intensamente perpassada pela loucura.

Encontramos a primeira formulação deste paradoxo da culpa na conceptualização de Fairbairn (1943) de defesa moral, onde o sujeito se protege do sentimento de descrença na bondade do mundo por um movimento de recusa em ver a maldade do objeto. Outro autor que alude a este fenómeno é Kernberg (1992) quando refere que fixação ao objeto-trauma é estabelecida por existir uma forte relação objetual de ódio com o objeto traumatizante, sendo, por isso, o objeto narcisicamente

imprescindível, um self-objeto (Kohut, 1984) investido pelo ódio, como *na Síndrome de Estocolmo* (Kernberg, 1992). Esta imprescindibilidade do objeto, investido pelo ódio, pode conduzir, na sua forma extrema, à demanda da eliminação física do mesmo, que pode ser expressa pelo assassinato ou pela desvalorização radical, podendo generalizar-se à destruição simbólica de todos os objetos, isto é, de todos os relacionamentos potenciais com outros significativos, como na clínica antissocial (em Kafka equivalente à *aniquilação psíquica de todo o grupo humano - humanidade*). Bion (1976) referia-se também à emergência de um fenómeno de *“turbulência emocional quando o rapaz bem comportado e certinho começa a dar problemas a fazer barulho”*. No entanto, a imprescindibilidade, pela paradoxal fixação ao objeto pelo ódio e pela tentativa de preservação da bondade do mesmo, demanda que se este seja, acima de tudo, preservado, só restando a loucura ou o suicídio.

Azevedo e Silva (2012) considerou que fixação a objectos de que se necessita fundamentalmente, mas que ao mesmo tempo são experimentados como causadores de enorme sofrimento induz um desejo violento de aniquilação. Este autor, através de exemplos da sua experiência clínica grupanalítica, identifica este fenómeno psicológico e conceptualiza-o como o *“assassinato do objeto psicanalítico, imprescindível e imperecível”*, com raízes psicodinâmicas profundas comuns a variadas formas de brutalidade, estando ligado a estruturas de marcada analidade, que refletem a oscilação entre o Amor passional e o Ódio violento (estruturas fortemente obsessivo-compulsivas). Este conceito de *Objeto imprescindível e imperecível* refere-se a um objeto interno paradoxal, que sendo *“imprescindível”*, pois sem ele o sujeito não pode desenvolver-se, é também, e ao mesmo tempo, um *“perigo”*. Ainda segundo este autor, é este sentimento de *“à beira da aniquilação”* que desencadeia impulsos não apenas de Matar mas de Assassinar, aclarando que é preciso uma **vivência desintoxicante do dilema**, de modo a que *“o paciente vivencie plenamente a sua raiva assassina, assumindo a raiva que querer Matar o objeto mas paradoxalmente, tendo também a certeza de que o objeto imprescindível como é – perdura”*. Representa, então, a possibilidade de vivenciar afetivamente e analiticamente, *sem as consequências reais*, a experiência de desintoxicação da raiva, ódio, fúria e vingança narcísica.

Salientamos que o grupanalista deverá estar muito atento à ressonância do grupo quando houver acesso *“a vivências de medo, da raiva inibidas dos membros do grupo relativos a objetos internalizados como aniquiladores e proibidores da subjetividade e do desejo”*, de modo a preservar os movimentos de criatividade e de criação do bom objeto ideal, que serão essenciais para o aumento da esperança e da capacidade de amar, separando-os da vontade de aniquilação, de ataques aos vínculos e ao pensamento.

4. O esconderijo narcísico pela vergonha (resultado do desprezo vivenciado): implicações grupanalíticas

A dinâmica da vergonha é um vetor fundamental na compreensão e tratamento das perturbações do narcisismo (Simões, 1996), nomeadamente no que refere aos contornos específicos que esta suscita no trabalho analítico de grupo, uma vez que inibe a ligação ao outro, pelo medo de revivência da experiência de intensa desvalorização e humilhação (Rustomjee, 2009) (ex. “o inseto desprezível”). O sentimento de vergonha, quando introjetado como desprezo, é insuportável afetando o núcleo do *self*, desumanizando-o e reduzindo-o a algo abjeto (Rustomjee, 2009). A personagem de Gregor, d’*“A Metamorfose”* retrata bem a dinâmica entre a necessidade narcísica de ser encontrado – exibição da sua metamorfose - e a malignidade desse encontro, quando se olha ao *espelho nos olhos* dos pais e da irmã, num movimento voyeurista. A intensa vergonha compele-o a esconder-se, pois o horror espelhado nos olhos dos pais e irmã transforma o seu *self* em algo abjeto, projetado no aspeto hediondo e repelente de um inseto indeterminado.

Freud (1905) terá dado um relevo secundário ao estudo da vergonha. No entanto evidenciou de facto o papel da *dimensão do olhar*, no sentimento de vergonha, nomeadamente no que se refere ao embaraço dos impulsos sexuais e a formação reativa contra o *desejo de ver e ser visto* (exibicionismo, voyeurismo). A vergonha despontaria da discrepância entre o *medo que alguém tem, de ser visto, e o desejo inconsciente de aparecer*, com todo o conjunto de aspetos de autoconsciência e censura do *self*, que estão inerentes ao ser visto, mostrar e esconder, na relação com os outros. Como exemplo temos a nudez dos corpos de K. e Frieda, tapados por compaixão pelas criadas mas a que se seguem intrigas, ou em *“Investigações de um cão”*, quando um grupo de cães dança com os genitais expostos, causando estupefação. A um exibicionismo, segue-se um voyeurismo que conflui numa apreciação negativa.

Rustomjee (2009) citando o artigo de Freud *“Um caso de homossexualidade feminina”* (1920) menciona que é pelo *olhar de zanga e de desprezo na face* do pai da sua paciente, ao descobrir a sua amante, que a mesma tenta o suicídio. O elemento *otherness* (o *outro*), presente como matriz intersubjetiva eu / outro (campo intersubjetivo), está aqui fortemente associado ao *ser descoberto e olhado por outro e como o self descobre a censura nesse olhar*.

A vergonha indica, então, que o olhar do outro sobre o *self* foi sentido como reprovador, debilitando o *olhar* que o sujeito tem sobre si mesmo. O excesso de censura, por vergonha, acarreta a uma extensa problemática do *self*, como errado, defeituoso ou insuficiente (Lewis, 1992). Este *dano primário* por uma falha na empatia, que impossibilitou vivência de perfeição original ligada ao ideal-do-ego,

manifestar-se-ia por sentimentos de ser frequentemente ignorado e tratado sem consideração, que poderiam conduzir a uma obstinada resistência à auto-revelação (enigmático, secreto, amuado, que no limite pode levar a estados paranóicos).

Smith (2008) refere que, na vergonha, a resistência à auto-revelação pode ter, no entanto, uma dupla função: *preservar o self* de reviver a experiência dolorosa de invasão e de exploração da intimidade e ao mesmo tempo de *proteger os outros* de uma devastação, real ou imaginada, por exposição a *conteúdos venenosos do próprio* (neste caso de devastar o narcisismo dos outros por excesso de críticas e humilhação). Sobrevêm, então, a enorme dificuldade em amar sem destruir pelo ódio (Fairbairn, 1940, 1943) manifesto por um inescapável criticismo e negativismo, que só pode ser travado pelo silêncio. Kafka, no “covil” ou fechado no quarto (encarcerado por vergonha do que era) tentava, pois, proteger-se a si e aos outros de uma relação corrosiva e letal

No artigo *Malignant Mirroring* (1986) Zinkin faz uma reflexão muito interessante sobre o conceito de espelhamento e liga-o ao processo grupalítico e ao grupo, cuja função de espelhamento é reconhecida como um dos fatores específicos da terapia de grupo. Este autor realça que não existem só efeitos benéficos no espelhamento. Smith (2008) refere, também, que a experiência da criança ser um recipiente para as identificações projetivas malignas, *ou uma falha do espelhar benigno*, impediria a introjeção do outro como alguém que ajuda a criar sentido, em vez de desordem, humilhação e destruição. Neste sentido, fenómenos associados ao *espelhamento maligno*, como a estranheza ou a repulsa, a que se associa um medo de ser humilhado, podem aparecer no grupo (Zinkin, 1986). Dada a natureza potenciadora dos efeitos do espelhamento do *setting grupalítico*, os *fenómenos transferenciais ligados à vergonha (espelhamento maligno)*, que por vezes se inscrevem numa dinâmica de exibicionismo ou voyeurismo, ou de esconderijo narcísico encapsulado, tem de ser devidamente identificados. Zinkin (1986) dá o exemplo de *drop outs* quando perante o fenómeno de *espelhamento maligno* no grupo, os pacientes tomam consciência de algo repulsivo ou estranho, que por identificação projetiva atribuem a um outro membro. Por incapacidade de lidar com esse aspeto da sua personalidade, muitas vezes associada a emergência de sentimentos de humilhação que não deseja reviver, e pelo grupalista não os nomear e tentar a integração, auscultando a ressonância do grupo, o paciente faz um *drop out*. Smith (2008) refere que trabalhar o sentimento de vergonha no grupo pode concretizar-se realçando as identificações na matriz de *sentimentos de paralisação pela censura e crítica excessiva do self*.

Conviria ao grupalista também ter presente que uma problemática da vergonha pode apresentar-se através de um *continuum* entre uma baixa censura do *self*, em que prevalecem dinâmicas de exibicionismo ou voyeurismo (“*sem-vergonha*”) e uma alta censura do *self*, em que predomina uma auto-revelação escassa, assinalando o duplo movimento defensivo do narcisismo do próprio e do narcisismo dos outros,

como Smith (2008) refere, sem no entanto perder de vista que esta problemática assenta, fundamentalmente, num *self que se olha como defeituoso ou insuficiente* e que a análise deveria procurar, de modo empático e com especial atenção ao *timing*, tratar, através da procura dos aspetos primários censurados do *self por si mesmo*, clivados ou escondidos e pela elaboração e integração dos mesmos, numa identidade mais sólida e madura.

Conclusão:

Consta que o testamento de K, escrito numa simples folha que se pensa existir, mas sem paradeiro, expressava o desejo de que toda a sua obra fosse queimada. Max Brod interpretou esta expressão como fruto da degradação na sua saúde e não levou a cabo essa destruição. O verdadeiro teor do testamento não sabemos, mas a não-destruição da obra de Kafka trouxe-lhe o reconhecimento, ainda que póstumo, latente na enorme motivação e amor pela escrita e pela literatura.

Kafka quando escreveu “*O médico rural*”, obra que era no fundo era sobre o seu pai deu um exemplar ao seu pai. Este disse-lhe: “*Coloque-o no criado mudo*” (mesinha de cabeceira antiga).

Dar um novo significado à experiência de se sentir *silenciado, paralisado, sem pertença e com repulsa de si* não seria de todo tarefa fácil e concretizável para um grupo de análise e para Kafka. No entanto vale sempre a pena ensaiar e imaginar, se tal permitir ajudar a pensar sobre as **vivências de criados mudos** que possam existir em todos nós e fazendo face a” *objetos internalizados como aniquiladores e proibidores da subjetividade e do desejo*” (Azevedo e Silva, 2012).

Bibliografia:

- Amado, N. (2008). *Kafka: uma habilidade necessária*. Mestrado em Teoria da Literatura. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Lisboa.
- Azevedo e Silva, J. (2012). Violência e Grupanálise: Uma Epistemologia da Violência. (Ed.) Sociedade Portuguesa de Grupanálise, *Revista Portuguesa de Grupanálise, Nº 1*, Lisboa.
- Badaracco, J.G. (1986). La Identificación y sus vicisitudes en la psicosis. La importancia del concepto «Objeto Enloquecedor». *International Journal of Psychoanalysis*, 67 (2). 133-146.
- Bion W. (1977/1994). *Emotional Turbulence, in Borderline Personality Disorders*. In Clinical Seminars and Four Papers (Ed.) International University Press, New York. (Reprint) in Clinical Seminars and Other Works. (Ed.) Karnac Books, London.

- Bion, W. (1962). *Learning from Experience*. (Ed.) Karnac Books, London.
- Bion, W. (1979/1987). Making the best of a Bad Job. *Bulletin British Psycho-Analytical Society*, (Reprint) in *Clinical Seminars and Four Papers*. (Ed.) Karnac Books, London.
- Botella, C. et S. (2001). Régrédience et et Figurabilité. Rapport au Congrès de Langue Française. *Revue Française de Psychanalyse*, N°4.
- Chomsky, N. (1996). *A cultura do medo*. (Ed.) Common Courage Press.
<http://www.chomsky.info/articles/199607--.htm>
- Citati, P. (2001). *Kafka: Viagem às profundezas de uma alma*. (Ed.) Cotovia, Lisboa.
- Cortês, E. L. (1988). O Padrão Grupanalítico. (Ed.) Sociedade Portuguesa de Grupanalise, *Revista de Grupanalise*, N° 1, Lisboa.
- Cortês, E. L. (1992). Grupanalise e Equilíbrio Estético. (Ed.) Sociedade Portuguesa de Grupanalise, *Revista de Grupanalise*, N° 3, Lisboa.
- Cortês, E. L. (1989/2008). *Grupanalise – Teoria e Técnica*. (Ed.) Sociedade Portuguesa de Grupanalise, Lisboa.
- Dinis, C. (2002). A neutralidade possível ou a personalidade resgatada. *Revista Portuguesa de Grupanalise*, N° 4, (Ed.) Fim de Século, Lisboa.
- Fairbairn, R. (1940/1981). *Factores esquizoides da personalidade*. In *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (Ed.) Veja, Lisboa.
- Fairbairn, R. (1943/1981). *Repressão e Retorno dos Objetos Maus*. In *Estudos Psicanalíticos da Personalidade* (Ed.) Veja, Lisboa.
- Ferreira, G. (1992). Matriz Grupanalítica. (Ed.) Sociedade Portuguesa de Grupanalise, *Revista de Grupanalise*, N° 3, Lisboa.
- Freud, S. (1921). *Group Psychology and the analysis of the ego*. Vol. XVIII. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis, London.
- Freud, S. (1925). *Preface to Aichhorn's Wayward Youth*. Vol. XIX. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis, London.
- Freud, S. (1937). *Analysis Terminable and Interminable*. Vol. XXIII. The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, The Hogarth Press and the Institute of Psychoanalysis, London.
- Guntrip, H. (1975/2006). Minha experiência de análise com Fairbairn e Winnicott. *Natureza Humana*, Jul.-Dez., 8(2): 383-411.
- Kafka, F. (1925). *O Processo*. (ed.) Livros do Brasil, Coleção Dois Mundos, Lisboa.
- Kafka, F. (1922/1971). *Investigations of a Dog*. In *The Complete Stories by Franz Kafka*. (Ed.) Schocken Books Inc.: New York.
- Kafka, F. (1924). *O Artista da Fome*. In *Contos*. (Ed.) Relógio d' Água, Lisboa.
- Kafka, F. (1923/1924). *O Covil*. (Ed.) Europa-América. Livros de Bolso Europa-América, Mem Martins-Sintra.
- Kafka, F. (1915). *A Metamorfose*. (Ed.) Leya, Lisboa.
- Kafka, F. (1919). *Carta ao Pai*. (Ed.) Relógio d'água, Lisboa.
- Kafka, F. (1922). *O Castelo*. (Ed.) Companhia de Bolso, São Paulo.

- Kernberg, O. (2004/2006). *Agressividade e narcisismo e auto destrutividade na relação psicoterapêutica*. (Ed.) Climepsi. Lisboa
- Kernberg, O. (1992/1995). *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. (Ed.) Artmed, Porto Alegre, Brasil.
- Klein, M. (1928). *Estágios iniciais do complexo edipiano*. In *Amor, Culpa e Reparação*. (Ed.) Imago, São Paulo.
- Kohut, H. (1984). *Self e Narcisismo*. (Ed.) Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- Lacan, J. (1963). Kant avec Sade. *Critique*, N° 191: 291-313
<http://aejcpp.free.fr/lacan/1962-09-00.htm>
- Leal, R. M (1997). *A Grupanalise. Processo dinâmico de aprendizagem*. (Ed.) Fim de Século, Lisboa.
- Lewis, M. (1992). *Shame - the exposed self*. (Ed.) The Free Press, New York.
- Mello, R. & Hergoz, R. (2008). Subjectividade e defesa na obra de Michael Balint. *Revista Mal-estar e Subjectividade*, Vol. VIII, nº 4.
- Mijolla & Mijolla- Mellor (2002). *Psicanálise*. (Ed.) Climepsi. Lisboa
- Miller, A. (1980). *Por tu próprio bien. Raíces de la violència en la education del niño*. Tusquets. (Ed.) Editores Ensayo, Barcelona.
- Neto, I. & Dinis, F. (2010). *O Mal, a Maldade, a Violência e Terrorismo*. Grupanaliseonline – Nova Série – Vol.1.
- Neto, I. (2001). A Defesa Moral. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. N° 21: 87-93 (Ed.) Edições Afrontamento, Porto.
- Rustomjee, S. (2009). The solitude and Agony of Unbearable Shame. *Group Analysis*. Vol. 42(2): 143-155.
- Segal, H. (1978). On Symbolism. *International Journal of Psychoanalysis*, 59: 315-319
- Simões, M. C. (1996). *A Vergonha*. Tese para conclusão do mestrado em psicoterapia e psicologia clinica. (Ed.) ISPA, Lisboa.
- Smith, M. (2008). Working with shame in therapeutic groups. *Group Analysis*. Vol. 41(3): 252-264.
- Winnicott, D. (1960) Ego distortion in terms of true and false self. In *The Maturational Processes and the Facilitating Environment: Studies in the Theory of Emotional Development*. (Ed.) The Hogarth Press, *The International Psycho-Analytical Library*, 64:1-276, London.
- Zimerman, D. (1999) *Fundamentos Psicanalíticos - Teoria, Técnica e Clínica*. (Ed.) Artmed, Porto Alegre, Brasil.
- Zimerman, D. (2008). *Bion. Da Teoria à Prática*. (Ed.) Artmed, Porto Alegre, Brasil.
- Zimerman, D. (1995). Vínculos e fantasias inconscientes. *Revista ABPAG*, Vol. 4: 127-141.
- Zimerman, D. (2001). *Vocabulário Contemporâneo e Psicanálise*. (Ed.) Artmed, Porto Alegre, Brasil.
- Zinkin, L. (1986). Malignant Mirroring. *Group Analysis*, XVII/2. (Ed.) Karnac Books: London.